

O COMMERCIO DO MINHO

3.º ANNO 1875

FOLHA COMMERCIAL RELIGIOSA E NOTICIOSA

NUMERO 324

Assigna-se e vende-se no escriptorio do EDITOR E PROPRIETARIO José Maria Dias da Costa, rua Nova n.º 3 E, para onde deve ser dirigida toda a correspondencia franca de porte.—As assignaturas são pagas adiantadas; assim como as correspondencias de interesse particular. Folha avulso 10 rs.

PUBLICA-SE

AS TERÇAS, QUINTAS E SABBADOS.

PREÇOS: Braga, anno 18600 rs.—Semestre 850 rs.—Provincias, anno 25400 rs e sendo duas 45000 rs.—Semestre 15250 rs.—Brazil, anno 45400 rs.—Semestre 25300 rs. moeda forte. ou 105000 reis e 55500 reis moeda fraca.—Anuncios por linha 20 rs., repetição 10 rs. Para os assignantes 20 % d'abatimento.

BRAGA—TERÇA-FEIRA 23 DE MARÇO

Successos d'Hispanha.

Trasladamos da «Union» de Paris de 14 do corrente a carta que lhe enviou seu habitual correspondente no campo carlista, acompanhada com a transcrição do artigo que, acerca da infamia recentemente commettida pelo lamentavel D. Ramon Cabrera, escreveu o «Quartel Real», órgão official dos carlistas, como é bem sabido por nossos leitores.

Este notavel artigo da folha legitimista hispanhola deve archivar-se como um documento importante para a historia, porque revela a causa que determinava um silencio cerrado, firme e inabalavel conservado nas altas regiões do partido carlista, quando se invocava dentro e fóra d'aquelle paiz o nome de Cabrera, extranhando-se a sua abstenção da actual lucta, abstenção que era fundamentada e explicada até hoje a capricho da imaginação de cada qual.

Agora estão bem extremados os campos. Os carlistas puros não eram os cabreristas. Os carlistas puros aceram-se do seu rei; e os cabreristas dirigem-se para os arraiaes inimigos.

Se o coração humano, o sentimento da honra e da dignidade politica e nacional lamentam altamente o facto, a critica historica registra-o e acha muitos exemplos semelhantes no correr dos seculos. Homens ha e tem havido, que, alçados ao perihelio da gloria e do renome, deslumbram-se, desvairam, hesitam, oscillam, e cahem.

Escreve o correspondente da «União»:

12 de março 1875.

D. RAMON CABRERA.

«E' com natural repugnancia e dôr profunda que pronunciamos este nome, hontem ainda illustre, e hoje recordando as defeições monstruosas de Maroto em politica, e do padre Jacintho em religião.

Sacrificando inteiramente nas aras do dever, reproduzimos a 8.ª palavra por palavra, o despacho de Estella que nos denunciava a sua traição, e vamos reproduzir agora, tambem textualmente o artigo que lhe consagra o nosso jornal official, o «Quartel Real» de 9 de março.

Que poderá responder-lhe o antigo estudante de Tortosa, nomeado conde de Morella por Carlos V, marquez del Ter por Carlos VI, condecorado com muitas grã-cruzes, e que foi em tempo o terror dos liberais que o insultavam com o epitheto de TIGRE do Maestrazgo, e que levaram a crueldade até fustigarem sua propria mãe sexagenaria?....

Sob o ponto de vista militar, é impossivel qualquer resposta. A disciplina dos exercitos não admite discussão politica ou publica; quando um general ou official tem queixas a offerecer, apresenta-as em conselho de guerra.

A propria França republicana consentia que qualquer dos seus generaes disputasse as deliberações da assembleia?

Sob o ponto de vista realista, presumindo que havia razão, quanto mais elevada fosse a posição, tanto mais o patriotismo aconselhava que, como Montesquieu, se envolvesse no manto da resignação, esperando melhores tempos.

Se D. Ramon Cabrera nunca se decidia a fallar, como o annuncia o seu jornal, nós podemos affirmar:

Que o exercito carlista não seria fortemente abatido. Não o seria nem mesmo um só de seus combatentes;

Que a resposta do nosso governo seria immediata e severa.

Agora o artigo do «Quartel Real»:

O TUMULO DE LAMA.

I

O silencio, muitas vezes, revela patriotismo e abnegação; outras vezes, é apenas o simbolo da vileza.

Madrid e toda a Europa occupá-se muito da attitude de um homem que, nos ultimos annos, teve como certas aves, horror profunda á luz, e que occultou a sua personalidade nas sombras da incerteza.

Sem embargo dos murmúrios que levantava semelhante attitude indefinida, nós guardamos silencio. Quando de altas regiões nos chegavam algumas palavras de legitima defesa ou de admiravel previsão, restringiamos-nos a transcrevel-as, sem que já mais sahisse outra coisa dos bicos de nossa penna acerca de D. Ramon Cabrera, que é a pessoa de que se trata.

Mas este silencio, levado até hoje ao cumulo da prudencia como a expressão eloquente de nosso patriotismo, devemos quebrar-o e rompê-lo. Seria agora o cumulo da vilania, e a infame cumplicidade de uma infame traição.

Chegam-nos ás mãos cartas de toda a parte em que nos exprimem a indignação e o despreso produzidos em toda a Hispanha carlista pela descoberta da conspiração de Cabrera contra a santa causa da patria e da legitimidade.

Os mais antigos, os mais entusiastas partidarios d'este homem, outrora um idolo, aterrados e escandalizados perante tão inverosimil iniquidade, exclamam, arrependidos de seu antigo erro: «E' mais odioso que Maroto!» E este grito retomba n'estes fieis valles, repercutido de montanha em montanha pelos ecos, como o grito de alarme do patriotismo vigilante.

Actualmente abriam-se-lhe os olhos. O idolo já não é mais que um pedaço de madeira. O terrivel gigante não passa de um moinho de vento. O grande homem não é senão um homem lançado ao mar que mergulhou nas ondas que o enguliram, enquanto o navio impellido pelos ventos da prosperidade e da fortuna prosegue sua derrota triunfante.

II

Uma natureza inculta, nascida para a guerra, vestígios, talvez, da antiga raça celtibera; uma especie de Viriato, arrastado pelas grandes paixões, capaz de se banhar no sangue, e de se embriagar, ao mesmo tempo, na taça de todos os prazeres sensuaes; um almogavar selvagem e independente como as aguias das montanhas, e, como ellas, sem a consciencia de seu proprio merito, tal foi esse celebre guerrilheiro de Tortosa que despresou a batina de estudante, para rapidamente se transformar no mais audacioso, mais feliz, mais heroico, e o mais indisciplinado de todos os generaes carlistas.

Quando o tempo tiver acabado a parcialidade dos juizos, os pontos negros do esplendor e do genio militar de D. Ramon Cabrera d'outro tempo resabirão forçosamente; e quando a historia recontar que essa natureza inculta, esse Viriato turbulento, esse almogavar cuja linguagem era um rugido, se transformou, no declinar da vida, em um gentleman dado ás mais remontadas concepções politicas, em humilde discipulo da pacifica e bysantina folha alousina «La Epoca»,—as gerações futuras, gargalhando um riso homérico, reconhecerão a justeza d'este famoso proverbio:

«Os embecis dizem asneiras, mas os grandes homens fazem-n'as.»

E' impossivel desconhecer por mais tempo o seu valor real e as suas verdadeiras faculdades.

Que julgariam do Cid, despidendo sua armadura e quebrando sua formidavel espada, para envergar o habito escuro, e escrever, com um numero da «Epoca» na mão esquerda e uma penna d'ouro na direita, sob a inspiração de um Homedes (*), o plano de uma conspiração contra seu Rei, como poderia fazel-o um d'esses condottieri revestidos com o uniforme do exercito liberal?

Pois eis ahi a estranha situação, o contraste comico que solicita, a altos brados, um côro de Offenbach, que se criou a si mesmo Cabrera por sua attitude, aggregando assim á vergonha do fim, o ridiculo dos meios.

O papel de traidor e de bufão confundiram-se d'esta vez no mesmo personagem, para que a justiça humana pare diante d'esta nova alternativa: «Justicarei o traidor, ou rirei do bufão?»

Oh! como é minguada a grandesa dos homens! Nada ha mais vasio que a celebridade que se não basêa na virtude. Crea reputações, elevae idolos, levanta altares... Certo dia, o vosso idolo adorado, mofando de vossa adoração, desce do seu altar e dá-se ao inexplicavel gosô de se degradar a si mesmo.

Em uma das grandes festas da corte de Napoleão I, no meio de todos aquelles esplendores e riquezas, o principe real, que se chamava então—o Rei de Roma—todo triste e pensativo, contemplava, a través das janellas, as creanças que brincavam na rua.

—Não sois felizes no meio de todas as grandezas da corte de França?—perguntou-lhe Napoleão. Que tendes, meu filho? Que desejaes?

—Ah! meu pae—respondeu o principe—que não possa eu, como aquellas creanças, rolar-me na lama!

D. Ramon Cabrera disfructava um passado glorioso, se não sem mancha. Tinha diante de si um futuro mil vezes mais glorioso, sem manchas e sem nuvens. Nunca o destino se offereceu a um homem tão lavoravelmente.

Pois bem, D. Ramon Cabrera viu, a través de sua gloria passada e futura os homens da Revolução hispanhola rolar-se na lama; e quando a nobre, a catholica, a antiga Hispanha dos Albas, dos Cordovas e dos Bazands lhe offerecia um mundo de esplendores e de grandezas, o almogavar Tortosino, depois de entregar a sua fama e o seu coração a uma ica protestante ingleza, responde com modos repugnantes: «Ah! que eu não possa, como aquelles homens, rolar-me na lama!»

E não só o diz, senão até que o faz. D. Ramon Cabrera achou sua vida politica chafurdando-se na lama!

Quem teria pensado que semelhante homem teria escolhido semelhante tumulo?!

G. V.

(*) Um dos sobrinhos de Cabrera que foi ha alguns dias, ao departamento dos Baixos-Pyreneus, visitar de sua parte muitos chefes carlistas.

De Braga a Chaves.

E' sabido que o commercio e prosperidade da cidade de Braga augmentará rapidamente logo que as communicações entre os dois pontos estiverem concluidas, não só as ordinarias pela estrada em construção, mas as acceleradas pelo prolongamento do nosso caminho de ferro até á fronteira de Verim, cortando assim os obstaculos e abrindo as portas ás riquezas agricolas, até agora encerradas no alto d'este districto e nas uberrimas planicies de Barroso.

O ramal do caminho de ferro de Braga, em quanto não passar d'esta cidade,

não poderá produzir todo o resultado que deve esperar-se de tão grande melhoramento; mas prolongado até Chaves e Verim será uma grande arteria de vida e riqueza. Acresce a isto que este prolongamento pôde ser menos extenso do que a estrada ordinaria pelo grande desenvolvimento, que esta necessita para galgar os montes; e será este caminho de ferro um dos mais curtos de todos os internacionais projectados.

Animado por taes considerações apresentou o sr. deputado por Villa Verde, nosso conterraneo, uma proposta de additamento ao artigo 1.º do projecto dos caminhos de ferro da Beira; quando este se discutia na camara electiva, para que o governo fosse auctorizado a proceder ao seguimento do caminho de ferro de Braga até Chaves.

Vamos transcrever o que o illustre deputado disse a este respeito na sessão de 10 de março, não fazendo maiores comentarios a uma medida que está no coração de todos os bracaraes e habitantes d'este districto.

«O sr. Alves Passos:—Não é minha intenção tomar tempo á camara adducinando razões, que, por serem minhas, seriam fracas, em favor d'este importantissimo projecto.

A camara está tão convencida da sua utilidade que lhe deu aprovação unanime na sua generalidade, parecendo apenas discordar em pontos secundarios e na forma.

Eu voto por todos os caminhos de ferro, todos os melhoramentos de que possa resultar o desenvolvimento moral e material do meu paiz; nem me entibio n'este proposito a grande despesa indispensavel para taes melhoramentos; porque a minha consciencia me diz, e a experiencia tem mostrado, que os resultados compensam bem largamente o sacrificio.

Tambem não é minha intenção responder aos argumentos deduzidos com engenho e arte pelo sr. Luiz de Campos, cuja eloquencia acabamos de admirar, em honra e gloria da tribuna parlamentar.

O meu fim é unicamente mandar para a mesa uma proposta, que, segundo as prescripções do regimento, principio por ler. (Leu.)

Sr. presidente, direi muito poucas palavras para sustentar esta proposta, cuja conveniencia e importancia se me affigura de simples intuição; mas peço licença para ler á camara algumas frases do excellentel relatório com que o sr. Andrade Corvo justificou o projecto do caminho de ferro do Minho:

«Para que as vias ferreas dêem ao paiz a facilidade de communicações, que desenvolve a actividade industrial e anima e robustece as forças productivas da nação, é necessario progredir na sua construção.

«E' urgente prolongar a linha principal até ao extremo norte, e ligar successivamente com essa linha os ramos que, divergindo d'ella, atravessam regiões, férteis sim, mas pouco fecundadas pelo trabalho.

«A parte do paiz, onde a população activa e laboriosa se accumula, e onde o progresso da riqueza se manifesta de anno para anno, ao norte do Douro, não pôde por mais tempo estar privada de uma machina, tão poderosamente productiva, como são os caminhos de ferro.

«Ha despesas impreteriveis que as nações não podem deixar de fazer, mesmo para acudir aos apuros financeiros que temporariamente as perturbam.

«Para augmentar a riqueza é preciso augmentar os instrumentos de produção, e nenhum é mais fecundo do que este, quando applicado a um territorio tão fértil, tão populoso, como o Minho.»

Sr. presidente, depois d'estas frases,

ão auctorizadas, de um estadista consummado e tão competente no assumpto, não precisaria de diser mais nada para sustentar a minha proposta.

Quando os caminhos de ferro se dirigem a abrir provincias tão populosas e ricas, como a provincia do Minho, são sempre bem aproveitados os sacrificios que elles eustam e dão louvor e gloria a quem os decreta ou inicia.

O caminho de ferro de Braga, desde que sae do Porto, tem uma direcção para leste da provincia do Minho, mas em Nine desvia-se para o litoral, seguindo para Viana e para a fronteira da Galliza, isto é, desvia-se completamente do centro para a beira-mar e para o norte da provincia, deixando em Braga o termo do seu ramol.

Ora, a camara sabe que os caminhos de ferro do litoral não podem ter a influencia, que teem os que atravessam o centro das povoações, para o seu desenvolvimento. Temos uma desgraça experiencia no caminho de ferro de Lisboa ao Porto.

Se o caminho de ferro de Braga seguir d'esta cidade para Chaves, entrando no valle do Cavado, para o atravessar defronte de Villar da Veiga e tomar a margem direita d'este rio, d'ahi pela freguesia de S. João do Campo, vertentes meridionaes da Serra do Gerez, abas do monte da Gralheira, concelho de Montealegre até Chaves, e d'aqui á fronteira na direcção de Verim, o que se me alligora pouco difficil, era rasgar pelo centro toda a provincia do Minho, a fertil região de Barroso, abundante em lãs e gados, e communicar á provincia do Minho com o alto da provincia de Traz-os-montes, e com a fronteira, pela linha mais curta. D'este modo serão attendidas todas as condições a que devem corresponder as linhas ferreas; serão favorecidos os interesses do caminho de ferro do Minho, cujos rendimentos hão de triplicar; promover-se-ha o desenvolvimento material e moral das uberrimas regiões atravessadas pelo Cavado e pelo Homem, e as fertis planicies de Barroso; enfim, completada esta linha ferrea, teremos gotado o paiz com um dos seus mais grandiosos melhoramentos. O seguimento, pois, do caminho de ferro de Braga é uma necessidade publica, e não me demorei mais n'estas considerações para não gastar tempo á camara.

Mando a proposta para a mesa, e espero que o sr. ministro e a commissão de obras publicas a aceitarão. Aceitando-a não comprometterão as finanças do paiz, porque na proposta se attende a esta circumstancia dizendo—quando as forças do thesouro o permittirem. E deixo á escolha e illustração do governo o sistema da construcção, de via larga ou reduzida, como o julgar mais conveniente; para isto, e para tudo quanto diz respeito ao bem do nosso paiz, ponho inteira confiança no governo.

Leu-se na mesa a seguinte

Proposta

Proponho que ao artigo 1.º se addicione o seguinte:

N.º 4.º Ao seguimento do caminho de ferro de Braga até Chaves, e d'aqui á fronteira na direcção de Verim, quando as circumstancias do thesouro o permittirem.—O deputado, *Alves Passos*.

Lisboa 17 de março

(Correspondencia particular)

Começa agora o bom tempo, e já era tempo! Até aqui não faltou frio, vento e chuva-neve: parecia que estavamos nas regiões do norte! Com o mau tempo occorreram muitas pleurises, pneumonias e bronchites, muitas tosses convulsas nas creanças, chegando algumas a morrer d'esta enfermidade, como foi uma creancinha do sr. Monte Verde, e o principe tem soffrido bastante a ponto de ser necessario mudar-lhe a residencia da Ajuda para o Alfeite da outra banda.

Domingo temos a procissão do Entero, que duas vezes passa no Chiado, e que é a delicia dos passeantes d'esse dia. Por verdadeira devoção e recolhimento vão tambem n'ella e acompanha-a muitas pessoas, mas não é o maior numero. N'esta porem, digamos isto com orgulho, deve ser contado o sr. D. Luiz, sua esposa e filhos, que antes de sair a procissão costumam ir beijar com verdadeira devoção os pés de Jesus.

A novidade politica mais fresca, é que

não ha novidades politicas. As cortes de- vem fechar no dia 2 de abril, e assim o declarou francamente o sr. Fontes, presidente do conselho de ministros, no jantar que hontem teve lugar em casa do marquez de Vallada. A camara dos deputados vae ter sessões nocturnas para discutir a tempo varias medidas de mais importancia, como é o codigo militar, a reforma da instrucção primaria, e outras. Muitas das propostas apresentadas não terão discussão n'esta sessão, tal é a reforma administrativa, a do codigo civil, etc.

A lei da prorrogação dos prazos para o registro e para o pedido dos foros vencidos antes da publicação do codigo civil, já passou na camara alta e terá ainda n'esta semana a sancção regia, para ser publicada antes do dia 22. N'esta lei, por esforços do deputado por Villa Verde, o sr. Alves Passos, foi incluída a faculdade de reunir os foros da fazenda e donatarios vitalicios, por 20 pensões sem laudemio algum, sendo o preço total dividido em 4 prestações para serem pagas em 3 annos; e os foros atrasados foram reduzidos a metade, e concedida a faculdade de os pagar em pequenas prestações, cada uma não excedente a um fóro ou pensão annual.

Este beneficio feito aos foreiros é de grande valor, apesar de não ser tanto quanto elles desejariam. O sr. deputado por Villa Verde deve comtudo estar satisfeito pelo que obteve no parlamento em favor dos foreiros, e estes, principalmente os de Villa Verde, devem tambem estar contentes com o seu deputado, que fez quanto podia em defeza de tão justa causa, e conseguiu mais do que outros tem conseguido.

Hontem deu o nobre marquez de Vallada, pessoa muito conhecida n'esse districto e cidade, onde tem muitos amigos e caseiros, um luto e apparatoso jantar de 33 talheres, ao governo e seus amigos mais intimos. Assistiram do governo o sr. presidente do conselho, Fontes Pereira de Mello, ministro do reino, dito da justiça, e das obras publicas: o presidente da camara dos pares, marquez de Avila e Bolama; o presidente e secretarios da camara dos deputados, general Rego, Quintino de Macedo, Telles de Vasconcellos, visconde de Arriaga, Pioheiro Chagas, Francisco Costa, Jeronimo Pimentel, Alves Passos, Carrilho, Vilhena, Assumpção, Marçal, Rochas Peixotos, Monteiro, Teixeira de Vasconcellos, Alencastre, Avila Junior, etc. etc.

Na presidencia estava o nobre marquez de Vallada, dono da casa, tendo á sua direita o sr. Fontes Pereira de Mello e á esquerda o sr. Sampaio, ministro do reino; e presidia do outro lado o sr. marquez de Avila e Bolama, presidente da camara dos pares, tendo á sua direita o sr. Barjona, ministro da justiça e da esquerda o sr. Mamede, presidente da camara dos deputados.

O menu foi o seguinte:

LISBOA, 16 MARS 1875

Potage á la Royale
Petits pâtés purée de foie.

RELEVÉS

Poisson sauce Tartare.
Filet de bœuf à la Macédoine.

ENTRÉES

Filets de volailles aux truffes.
Filets de perdrix à l'Escarlate Truffé.
Mayonnaise de homard à la Russe.

Punch à l'Américaine.

RÔTI

Paon sauce Périgueux

LÉGUMES

Asperges sauce Hollandaise.

ENTREMETS SUCRÉS

Gelée Californienne.
Charlotte au Chantilly.
Éclairs au chocolat.

Glace

Dessert

VINS

Madre Sec	Rhin
Sauterne	Champagne
Bordeaux	Porto

Xères

LIQUEURS

Cognac — Anisette.

O asseio da meza, e a riqueza de cristaes e alfaias era deslumbrante. O pa-

lacio estava artisticamente illuminado, e decorado com riqueza e gosto. Póde dizer-se que o nobre marquez de Vallada deu em honra do governo uma festa principesca.

AJeus, que está um sol de primavera e não posso resistir a ir assoalhar as minhas costas, que já tinham bolor do inverno e da falta de ar puro. Até outra vez.—K

Idem 18

(Do nosso correspondente).

A livre pratica dada a 2 vapores vindos do Rio de Janeiro, onde grassa a febre amarella, tem trazido a população em sobresalto. Ao passo que se dava livre pratica a estes, deixam-se os passageiros de outro vapor no Lazareto. N'um dos vapores que teve livre pratica, veio o abastado capitalista e industrial João Paulo Cordeiro.

Segundo me informam pessoas respectivas, quando o vapor chegou o sr. ministro do reino não estava na secretaria. Os passageiros reclamaram, como é costume, contra a quarentena. Depois seguiram-se telegrammas do delegado em Belem para a secretaria, e certas influencias que alli mandam mais que o ministro, entenderam que deviam dar livre pratica aos passageiros. Admira que o director não tivesse a prudencia de ouvir a este respeito os membros da junta consultiva, que dizem á bocca cheia que não foram ouvidos.

No dia seguinte houve reboliço na secretaria, e julgo que o ministro queria proceder contra os *laes influentes*, mas dadas as explicações tudo ficou em santa paz.

Hontem alludiu a este facto o sr. conde de Cavalleiros, e o sr. ministro da fazenda prometteu que o seu collega do reino, havia de responder. Folgamos que o par interpellante fosse o sr. conde, porque é homem que ninguem* é capaz de torcer.

O que se diz geralmente é que estes favores de pão se cumprir a quarentena, é para que o imperador do Brazil a não faça quando aqui chegar. Isto é mais uma prova da egualdade e liberdade com que nos andam ahí todos os dias a prégar.

As inscrições vão subindo. Ficaram hontem em Lisboa a 50, e em Londres 50 1/8. Sua Santidade vae nomear cardeaes Mrs. Manning, arcebispo de Westminster, Deschamps, arcebispo de Molines, Lodechewski, arcebispo de Posen, e Mac-Clocke, arcebispo de Nova-York.

Tambem se diz que já foi preconizado o sr. Martens Ferrão, bispo eleito de Bragança.

Hoje veio annuncio para que os srs. subscriptores da *Companhia de Credito Commercial* rectifiquem as assignaturas com 5 p. c. do capital subscripto.

Finalisarei esta extractando o programma dos exercicios a fazer este anno, na escola pratica d'artilheria nas Vendas Novas: é destinada que vá para alli uma força de 476 praças de pret, 38 officiaes, 56 cavallos e 98 muare: 2 baterias de campanha, de c. 8, systema francez, 1 do sistema prussiano e 1 de montanha. Os exercicios da escola começam em 12 d'abril, e terminam a 12 de junho. Constarão do seguinte:

Acampamento para 1 bateria de montanha.

Bivague de 2 baterias montadas.
Conferencias e resoluções de problemas relativos á arma de artilheria.

Construcção de 1 bateria enterrada com paiol considerada na rectaguarda da linha paralella para 2 bocas de fogo; bateria de tiro indirecto, abrigos para baterias montadas.

Escola de avaliação de grandes distancias.

Fabricação d'artigos pyrotechnicos.

Fachinagem.
Fogo de baterias permanentes, e montadas contra a bateria enterrada, considerada de ataque.

Fogo de noite.
Manobras das baterias montadas e de montanha.

Passagem a vau d'aguas correntes, pelas baterias montadas e de montanha.

Prelecções aos sargentos e furrieis sobre tiros de bocas de fogo, armas portateis, metralhadoras, uso de instrumentos de verificação, traçado de baterias.

Reconhecimentos militares.
Tiro com as diversas especies de bocas de fogo.

Tiro com armas portateis (clavina e rewolver).

Tiro com foguetes de guerra e incendiarios.

Tiro de premio.

Trabalho topografico.

Uso dos chronografos.

O artilhamento das baterias é feito pela seguinte forma:

Bateria de morteiros, 2 de 277 milímetros e 2 de 226.

Bateria de tiro directo, 1 peça de ferro de 13 centímetros, 2 ditas de bronze de 11 centímetros, 1 obuz de 225 milímetros.

Bateria da Costa

1 peça de bronze de 13 centímetros, 2 ditas estriadas de 12 centímetros de praça.

1 dita idem de 12 centímetros de campanha.

1 morteiro de 300 milímetros.

Bateria de Ricochete

1 peça de ferro de 13 centímetros.

1 dita estriada de 8 cent.

1 dita estriada de campanha de 12 centímetros.

1 obuz de 223 milímetros.

Bateria de tiro indirecto

2 peças estriadas de sitio 15 centímetros.

1 » » de 12 centímetros.

Todas as peças e obuzes são montadas em reparos de sitio, exceptuando a peça de 13 centímetros que é montada em reparo de praça e costa, a 12 centímetros da mesma bateria em reparo de ferro, de marinha, as de 12 centímetros de tiro indirecto que serão em reparos de praça, e as de campanha nos reparos proprios.

Haverá alvos para os tiros collocados a distancia conveniente; o alvo dos morteiros de 277 milímetros será uma bluidagem simulada de 4 metros de cumprimento sobre 4 de largo.

O alvo da bateria de costa será um rectangulo de madeira de 15 metros de comprimento sobre 4 de madeira.

As pontarias serão feitas metade pelos officiaes superiores, e metade pelos inferiores.

A bateria do sistema prussiano dará cada peça 72 tiros sendo 40 directos, 20 mergulhantes com granadas taredas e rolhadas, 4 directos e 5 mergulhantes com granadas carregadas e espoletadas, 4 directos com granadas com ballas carregadas e espoletadas.

Na bateria do sistema francez, darão cada peça 72 tiros, sendo 42 directos e 10 mergulhantes com granadas taredas e rolhadas; 5 directos e 5 mergulhantes com granadas carregadas e munidas de espoletas de percussão, 5 directos com granadas carregadas e munidas de espoletas de tempo.

Na bateria de montanha, cada peça dará 72 tiros, 42 directos e 10 mergulhantes com granadas taredas e rolhadas, 5 directos e 5 mergulhantes com granadas carregadas, munidas de espoletas de percussão, 5 directos com granadas carregadas e munidas de espoletas de tempo, 5 directos com granadas com bola e munidas de espoletas de tempo. As cargas nas peças de bronze serão de 100 a 150 grammas de pólvora.

Idem 20

Está votada a lei dos caminhos de ferro das Beiras e do Algarve, o que se realizou depois do discurso do sr. dr. Teixeira e outro do sr. Osorio, sobre os pontos estrategicos que devem ser respeitadas na sua construcção, pedindo este senhor deputado, que fosse ácerca de tal construcção ouvida a direcção de engenharia militar.

Depois d'este *tour de force*, a camara votou uma enxurrada de projectos, e entre elles, o que regula a promoção dos officiaes de administração militar e a lei de admissão. Não direi nem uma só palavra sobre o facto: reserve-me para depois de passar a lei na camara dos pares.

Aqui afirma-se que a camara será encerrada no fim do mez.

O sr. ministro da guerra pediu para ser legalizada a despeza feita a mais no seu ministerio com material, e pede que no anno economico futuro se possa gastar 600 contos com a compra de material, que elle julga necessario.

Em quanto á camara dos pares, seguiu a approvação de diversos projectos que tinham saído da outra camara.

Continuam activamente as negociações entre os Bancos, para estes constituírem uma companhia com o fim de fazerem as viagens para Moçambique.

O capital, 1.^a emissão, 200 contos, da Sociedade de credito commercial foi coberto antes de aberta a subscrição publica, a tal ponto que um dos accionistas, o sr. Rosa Araujo, teve que ceder as suas acções, ficando só com 50 acções de 10.5000 reis.

O Banco Lisboa e Açores tambem teve uma boa subscrição, estando já coberta.

Hoje é a reunião dos fundadores da «Caixa de empréstimos lisboense» com um capital de 20 a 30 contos, divididos em acções de 5.0000 reis. Dir-lhe-hei na segunda feira os seus verdadeiros intuitos.

REVISTA ESTRANGEIRA

Está na ordem do dia o nome de Cabrera, nome a que d'oravante rodeará uma tristissima celebridade.

As partes telegraficas transcriptas pelos jornaes, ainda que todas saídas da mesma fonte, dão-nos a noticia de que o velho general e seu sobrinho se apresentaram na embaixada hispanhola em Paris, onde prestaram juramento de fidelidade a D. Afonso.

Fallam-nos tambem d'um manifesto de Cabrera, cuja publicação foi prohibida pelo governo madrileno.

Demos graças a Deus. A Providencia que d'um modo tão visivel protege a causa de D. Carlos, não a desamparou no seu maior perigo, pondo a descoberto a mina subterranea que o segundo Maroto pretendia abrir, e a qual, se não fosse contraminada a tempo, e chegasse a fazer explosão, reduziria o carlismo a uma *pastelaria* carlo-liberal, muito semelhante ao convenio de Vergara.

D. Carlos, além de valente soldado, é inabalavel em seus propositos; consulta, mas não se deixa dominar; recebe todos os hispanhoes, sem se importar com a sua procedencia; mas não aceita imposições.

Como é sabido, Cabrera quiz, em tempo, impor-se a D. Carlos, fazendo certas exigencias entre as quaes se nota a «liberdade de cultos». O monarcha regeitou um tal programma. *Inde irae.* Por isso conservou-se sempre afastado quando o seu rei, como o dizia, mais d'elle precisava. Agora, porém, que o exercito se acha perfeitamente organizado, tanto em o Norte como no Centro, Cabrera apparece em Paris, envia seu sobrinho Homedes a Bayona, e emissarios ás provincias. Para que? Se D. Carlos o tivesse chamado, escusava de taes maneios. Logo era a urdidura da traição.

Os fumos da riqueza e as exhalacões corruptas do protestantismo inglez estontearam-lhe a cabeça. Se Cabrera, porém morreu para a legitimidade, o remorso e a condemnação de todos os homens de bem não o deixarão viver em paz.

A historia registrará o nome glorioso de D. Carlos VII, como prototipo da honra e da heroicidade, e será inexoravel para com todos os traidores.

Não deixaremos de registrar, que já ha mais d'um anno um dos mais distinctos membros do jornalismo portuguez, e que tem admiravel tino para conhecer os homens e as cousas, chamava a Cabrera um *mau hispanhol*.

A attendermos ao seu procedimento desde o principio da guerra, e ao elogio que os jornaes mais avançados do liberalismo lhe teciam, chamando *homem da situação*, áquelle que d'antes era o *tigre tortozino*, chegaremos á conclusão, que de ha muito andava moiro na costa.

Se o nome do velho soldado é hoje a ordem do dia, d'aqui a um mez ninguém d'elle fallará, e terá de ir de novamente encobrir-se nos nevoeiros londrinos, corrido da sua propria vergonha.

Louvemos, pois, ao Senhor dos exercitos, que não abandona os que combatem pela sua causa sacrosanta.

E hoje, que em toda a parte se protrea a guerra contra a Igreja, e que nas montanhas do Norte de Espanha um punhado de bravos luta pelo seu Deus e pela sua patria, é necessario que todos orem para que lhes não falte o auxilio divino. *Petite, pulse; pedi, pedi* com instancia e até com importunação, manda o Divino Mestre.

—Passemos ás noticias da guerra:

—A partida do cabecilha Zurbano,

apoiada por um batalhão foi repellido no dia 6 em Lanciego, pelas forças carlistas commandadas pelo sr. capitão Gil.

—Em Conchas foram rechaçadas forças affonsinas que, saíram de Miranda, causando a esta tres mortos e grande numero de feridos, não havendo da parte dos carlistas baixa alguma.

Um telegramma de Estella é assim concebido.

«Os representantes das deputações varras dirigiram-se ao paiz, dando a voz de alerta contra a conspiração Cabrera, tão felizmente descoberta, e renovando os seus votos de adhesão e lealdade á pessoa e causa de S. M. El-Rei, nosso senhor, D. Carlos VII.

Segundo um despacho que communica aos jornaes francezes o *New York Herald*, Cabrera crendo impossivel que os carlistas sustentassem a linha do Carrascal, e aproveitando-se do descontentamento, que se apoderaria d'elles, tendo de bater em retirada, Cabrera intentaria fazer crer entre elles que havia traição. Então elle appareceria, e fazendo-se proclamar general em chefe, ter se-hia passado com o exercito para D. Afonso.

A honra de se descobrir esta conspiração cabe a D. Carlos, segundo affirma o alludido jornal.

Confirma-se a entrada de um corpo carlista nas Asturias, para ajudar a sublevação n'esta provincia.

O *Nacional* publica uma correspondencia de Madrid de que o *C. da Tarde* colhe o seguinte:

A guarnição de Bilbao soffreu n'uma sortida perdas consideraveis; e para destruir a mau effeito, dizem que as forças carlistas foram completamente derrotadas, quando quizeram entrar á força na cidade invicta, deixando no campo muitos dos seus. Isto porém contradiz o facto do desfavor em que caiu o general Salamanca, commandante de Bilbao, e que foi chamado a Madrid a toda a pressa, e para mais ainda temos o silencio obstinado da *Gaceta*.

E porque razão se cala tambem o revez do general Despujols no Centro, quando é certo que Dorregaray o bateu duas vezes a seguir, tomando-lhe a artilheria?

O *Imparcial* provocou a desconfiança com algumas perguntas que fez ao ministro da guerra, para socegar o paiz ácerca da columna Despujols.

Determinação de sua Ex.^a revm.^a o Sr. Arcebispo Primaz

Coincidindo no presente anno a grande solemnidade de Quinta Feira Maior com a da Annunciação da Santissima Virgem Mãe de Deus, sendo esta santificada e de preceito de assistencia ao santo sacrificio da missa para todos os fieis; e sendo vedado aos Sacerdotes celebrar n'aquelle dia outra missa além da solemne, propria para a exposição do Santissimo Sacramento: Conformando-Nos com o Decreto da Sagrada Congregação dos Ritos de 12 de Setembro de 1816, e para que os fieis não deixem de assistir á missa no dia indicado:

Ordenamos que em todas as igrejas parochiaes das Cidades, Villas e freguezias rurais d'este Nosso Arcebispado, cuja população exceda a mil almas, possam ser celebradas tres missas, e duas em cada uma das capellas publicas onde é costume celebrarem-se; — nas igrejas das parochias cuja população for menor de mil almas, e nas dos conventos de Religiosas celebrarem-se-hão duas missas, e uma nas capellas publicas d'essas parochias, — ficando comprehendidas no numero das missas concedidas nas igrejas parochiaes as chamadas *d'alva*; e nas capellas e oratorios dos recolhimentos de pessoas do sexo feminino, bem como de collegios de instrução, celebrar-se-ha uma missa; ficando entendido que estas missas serão annunciadas a toque de sino, rezadas, e as proprias da Quinta Feira Maior, devendo todas estar terminadas antes das 9 horas da manhã.

Nos oratorios das casas particulares fica prohibida a celebração da missa no indicado dia, sem que esta prohibição soffra modificação por haverem pessoas que, tendo oratorio, não possam concorrer ás igrejas publicas; pois taes pessoas ficam dispensadas da assistencia á missa.

E para que estas Nossas Determinações cheguem ao conhecimento de todos, a quem compete cumpri-las, os Mito Revd.^{os} Vigarios Geraes e Arciprestes as communicarão a todos os Revd.^{os} Parochos.

Braga 24 de Fevereiro de 1875.

José, Arcebispo Primaz.

GAZETILHA

Lausperenne.—Expõe-se ámanhã na igreja do convento da Conceição.

Asilo de S. José.—No dia do santo Padroeiro esteve exposto ao publico o asilo dos entevados d'esta cidade.

De manhã houve missa cantada pelo ex.^{mo} conego Figueiredo, dignissimo fiscal d'aquella casa de caridade. Na missa foi distribuido o Pão Eucharistico aos asilados, assistindo ás ceremonias religiosas, além da junta administradora, os ex.^{mos} srs. governador civil, conde de Bertandos, viscondes de Pindella e de S. Lazaro, abbade de Soutello, reitor dos orfãos, tenente coronel, delegado do thesouro, administrador do concelho, varios outros cavalheiros, e muitas senhoras das mais distinctas d'esta cidade.

Durante todo o dia foi grande o concurso áquelle humanitario estabelecimento, onde á limpeza, boa ordem e acção da casa, sobressaia a satisfação e jubilo dos asilados.

O ex.^{mo} visconde de Margaride além de entregar ao asilo 90.5000 reis dos dinheiros dos santuarios, deu do seu bolso para ajuda d'um jantar 22.500; um anonymo 13.500; o sr. Custodio Amorim, da rua do Souto 4.500; um outro anonymo 9.500; o sr. visconde de Montariol 9.500 para ajuda do jantar; o ex.^{mo} commendador Fulgencio 5.500: indo de graça todos os clérigos, meninos orfãos e o sr. Manoel João Paiva com varios artistas da sua orchestra, pelo que honra e louvor a todos seja.

As bandejas n'esse dia renderam reis 1.550.

Em quanto esteve exposto o asilo ao publico tocou no atrio a banda dos «Artistas».

Não podemos deixar de aproveitar esta occasião para dar os devidos encommas a toda a respeitavel direcção d'aquella casa de caridade, e especialmente ao ex.^{mo} director do mez, o sr. Braga, de Lomar, pelo muito que se ha interessado pelo bem estar, boa alimentação e limpeza dos asilados, mandando calçar a todos de novo em dia de S. José, á custa do seu bolso.

Acções de tal ordem só a consciencia de seu auctor lh'as póde agradecer. Quem dá aos pobres, empresta a Deus.

Perseguição ao Catholicismo.—Parece-nos que vae iniciar-se tambem uma perseguição religiosa directa e formal no paiz fidelissimo. Ouvimos ha pouco dizer, e varios jornaes foram êcco d'esse boato, chegando até a dar a noticia como verdadeira, que o ex.^{mo} e rev.^{mo} sr. Vigario Capitular de Bragança ia ser processado. Pozemos a noticia de parte, porque, digamol-o francamente, entendemos que, apesar de não faltar vontade para isso a certas auctoridades, em cujo numero incluímos o respectivo ministro, haveria receio de levar ávante tal medida que vae lerir profundamente o sentimento dos catholicos e com especialidade dos habitantes d'aquella diocese.

Agora acabamos de receber de Bragança uma carta de pessoa fidedigna e que está muito informada, na qual se nos diz o seguinte:

«Hoje mesmo, domingo da Paizão, se inquiriram as testemunhas do processo contra o legitimo Vigario Capitular. Espera-se que seja pronunciado, porque se diz que o juiz de direito, o sr. Candido Albino Freitas Lobo, está resolvido a seguir em tudo a opinião e vontade do sr. ministro interessado n'esta questão, por elle levantada em despresio dos sagrados direitos da Igreja.

Não tardará, pois, que o sr. dr. Antonio d'Oliveira Moz, mestre escola da Cathedral, o Vigario Capitular, que tão dignamente tem sabido defender aquelles direitos da Igreja, seja mettido na cadeia como criminoso por exercer a jurisdicção que canonicamente lhe foi confiada.

Isto produzirá profunda sensação e geral desgosto n'este povo que é essencialmente catholico e que, porque o é, sente vivamente estes ultrages ás suas crenças e á sua fé.

Vejam os que param estas cousas, e se o Vigario Capitular de Bragança for preso e julgado, nós stigmatizaremos como nos cumpre este enommissimo attentado, fazendo sobre o caso as considerações que elle pede.—[Palavra].

Ao sr. ministro das Justicias.—Tendo sido postas a concurso diferentes igrejas do concelho de Villa Verde, Ar-

cos, Barca e Ponte do Lima, e algumas d'ellas ha mais d'anno, qual será a razão porque não tem sido despachadas? Será por falta de oppositores idoneos, ou por motivos politicos? No primeiro caso, porque se não mandam abrir concursos por provas publicas? E no segundo que havemos de pensar?

Anniverário natalicio.—Completo no dia 19, 18 annos de idade a Serenissima Senhora D. Maria José Beatriz, Augusta Irmã do Senhor Dom Miguel de Bragança, e esposa do Archiduque Carlos Luiz da Casa da Baviera. A' Senhora Archiduqueza da Baviera, a seu Augusto Irmão, o Senhor Dom Miguel, a sua Augusta Mãe e Irmãs, enviamos a respeitosa homenagem das nossas felicitações.

Conferencia.—No proximo domingo haverá conferencia aos socios da Associação Catholica.

Benção das Palmas.—No domingo passado, houve no Bom Jesus do Monte Benção das Palmas. Foi grande o numero de pessoas que concorreram áquelle pittoresco local.

Houve tambem a mesma solemnidade nos templos de S. Vicente, e Sé.

Lausperenne em S. Vicente.—Esteve esplendido o Lausperenne em S. Vicente. As Matinas foram a grande instrumental da capella dos srs. Paivas.

Semana Santa.—Eis a solemnidades que na presente semana tem logar na Sé. Quarta-feira. De tarde officio das Trevas.

Quinta-feira. Pontifical, Benção dos Oleos e exposição. De tarde, Lava-pedes, sermão e officio das Trevas.

Sexta-feira. Officio e procissão do Enterro, e de tarde officio de Trevas e sermão da Soledade.

Sabbado. Benção do Cirio Paschal e da Fonte Baptismal, e missa de Alleluia.

Domingo de Paschoa. Pontifical, procissão da Resurreição e Benção Papal.

Procissão de Passos em Prado.—Teve logar no domingo a procissão de Passos, em Prado. Concorreu alli muito povo d'esta cidade.

S. José.—Na tipografia onde se imprime este jornal foi, por uma devoção particular, guardado o dia de S. José, e por esse motivo não se publicou a nossa folha no dia 20 Pedimos desculpa aos nossos assignantes.

Resenha.—A que tinhamos feito do discurso recitado no dia de S. José na casa da Associação Catholica, pelo rev.^{mo} sr. padre Marnoco, será publicada no proximo n.^o

O novo arcebispo.—Chegou hontem a esta cidade, pelas 4 horas da tarde, o ex.^{mo} e rev.^{mo} sr. D. João Chrysostomo d'Amorim Pessoa, coadjutor e futuro successor d'este arcebispo.

No proximo n.^o daremos mais desenvolvida noticia.

O Bispo de Urgel e D. Carlos.—O «Monde» publica os seguintes documentos:

«Senhor.—O manifesto dirigido por Vossa Magestade aos hispanhoes por occasião da usurpação do infante de Hispanha, D. Afonso de Bourbon, encheu de regosijo todos os bons hispanhoes e creio que aterrou tambem todos os maus.

Confirmou elle a minha profunda convicção de que Vossa Magestade recebeu do Altissimo a missão de matar a Revolução e de perseguir os restos d'ella até Jerusalem.

Bemdicto e glorificado seja Deus, e mil vezes felicitado Vossa Magestade como o ministro privilegiado do Deus dos exercitos.

Considero estas ultimas e brilhantes victorias, pelas quaes demos graças a Deus nas nossas igrejas, e que os nossos catalães festejaram com aclamações freneticas, como a paga d'esta grande fé e d'esta grande coragem que vos hão de dar o nome de *Carlomanno*.

Venho, senhor, depôr a vossos pés os meus calorosos respeitos e felicitações.

Como sou o ultimo dos vossos Prelados, assim tambem sou o mais fiel dos vossos vassallos.

Aos pés de Vossa Magestade

✠ José, Bispo de Urgel.»

«Rev.^{mo} sr.—Recebi as felicitações que me dirigiu a 12 de fevereiro, e que agradeço de todo o coração.

O manifesto que dirigi aos hispanhoes por occasião da elevação de D. Afonso ao throno de meus antepassados, não é um protesto, mas uma advertencia feita á mi-

nha querida patria dos perigos que a ameaçam e das catastrophes que a esperam.

D. Afonso não é senão a revolução disfarçada debaixo da purpura real, e a impiedade coberta com o manto da fé christã, para melhor especular com os sentimentos catholicos e monarchicos do povo hispanhol!

Creio, como Vossa Reverendissima, que Deus quer que eu mate a revolução que é causa da dôr de nossa Egreja e da vergonha e ruina da nossa cavalheirosa nação.

Sinto-me com coragem necessaria para continuar tão nobre empresa, e com profunda fé de a levar ao cabo.

Com o favor de Deus e a valentia dos meus exercitos, a minha bandeira, que já é o terror da revolução, se converterá um dia não longe em um emblema de paz, e nas suas dobras virão abrigar-se as crenças do meu povo, a verdadeira liberdade e a civilização christã.

As nossas constantes victorias fazem-me esperar que Deus ouviu as nossas orações; os verdadeiros hispanhoes estão certo que conveem commigo n'este ponto, e que continuarão a pedir-lhe que triunfe a minha causa, que é a de todos os povos christãos.

Guarde-vos Deus, rev.^{mo} snr.—Vosso affeiçãoço,

Quartel Real de Estella, 4 de março de 1875.—Carlos.

Catastrophen.—Em Nova-York occorreu uma terrivel catastrophe. No dia 26 do mez passado desmoronou-se o tecto da igreja catholica de Santo André, sita em Duane-street, quando um sacerdote estava prégando, e o templo cheio de fieis. O numero de victimas é muito crescido. Este sinistro foi acompanhado de circumstancias particulares.

O prégador, o padre Carroll, fallava da necessidade de todos se prepararem para a morte e todo o auditorio estava profundamente commovido pela sua palavra, quando se ouviram dois estalidos horribes e o tecto veio a terra matando a muitos e envolvendo a todos em pó e entulhos. A scena foi dolorosissima. Parece que n'este assumpto ha responsabilidade a exigir ao «Department of buildings» que devia ter annuciado o estado perigoso da igreja.

—Em Moleza de Aragão, Hispanha, tambem se deu uma catastrophe lamentavel. A igreja de Santa Maria dos Condes, que havia sido incendiada quando os carlistas entraram na cidade por estar servindo de quartel, e que por consequente havia soffrido grandes deteriorações que se estavam reparando, desmoronou-se envolvendo nos entulhos muitos dos infelizes que occupavam o edificio, e dos quaes haviam sido tirados já cadaveres, ate ao n.º de 14.

Até agora, diz o «Imparcial», não sabemos que se tenham recebido mais promenores d'este doloroso acontecimento, sendo os já obtidos sufficientes para contristar o espirito mais forte.—(P. de Janeiro).

Pela sagrada Paixão e Morte de Jesus Christo.—Pede o entevado Antonio dos Grainginhos uma esmola ás almas caridosas e bemfazejas, pois está vivendo em extrema miseria, e tendo em sua companhia sua mulher aleijada com uma ruptura. Vivem n'um quarto ao rez do chão na rua do Alcaide, n.º 17.

SECÇÃO DE COMMUNICADOS

Snr. redactor.

Só agora li no seu acreditado jornal n.º 318, de 6 de Março corrente, um communicado apocrypho, em que seu auctor, de mistura com meia duzia de palavroes bombasticos, se occupa da Cadeira Official de instrucção primaria, d'esta freguezia de Joanne.

Principia elle, em estylo Poetico, (se não patetico) como para dizer ao publico que ia faltar á verdade.

Ora, V. Exci.^a, não pode ignorar, que a todo o cidadão assiste bom direito para manter a sua honra e boa reputação; e a mim, como Empregado Publico, Professor encarregado da regencia da referida Cadeira, maior obrigação me corre de não deixar passar sem correctivo, as imputações calumniosas, que, no citado jornal um Sr. me dirige.

E para que eu possa tomar patentes quam falsas e calumniosas são essas asserções, e defender-me pelos meios que o Direito primitivo, vou rogar a V. Exci.^a

o dizer n'um dos proximos n.ºs, se essa Redacção toma a responsabilidade do escripto; e no caso inverso, quem é o signatario d'elle.

Por cujo motivo lhes fleará muito agradecido, o.

De V. Exci.^a com mt.^a consideração e respeito, att.^o v.^{or} Obrgd.^o

Braga 17 de março de 1875.

Joaquim Lopes, Coelho d'Alvim Barroso.

Em resposta ao snr. Barroso, cuja carta deixamos fielmente exarada, temos a dizer que não é este o logar proprio para dar satisfação á exigencia de s. s.^a

A nós nos quer parecer que o escripto a que o snr. Barroso allude, não contém as offensas de que tão amargamente se queixa.

No entanto s. s.^a pôde obrar como lhe aprouver.

A RR.

EXPEDIENTE DA ADMINISTRAÇÃO.

Cartas e avisos recebidos em 18 e 22 de março:

Arganil.—José Antonio de Paiva—Recebido.

Castro Daire.—Antonio José Leitão—Idem.

Trancoso.—Luiz Maria Cardoso de Matos—Idem.

Lagos.—Francisco Antonio Perico—Id. Mortagua.—David Rodrigues de S. José—Idem.

Estarreja.—José Agostinho da Silva—Idem.

João Marcos Ribeiro—Idem.

Ferreira do Zezere.—Antonio Maria de Mello Queiroz—Idem.

Cabeceiras.—Francisco Botelho de Carvalho e Almeida—Idem.

Villa do Conde.—Francisco Nicolau Mandille—Sciende.

Lisboa.—Padre Antonio Joaquim de Moura Calvão—Idem.

Torres Vedras.—José dos Santos Diniz—Idem.

Lisboa.—Antonio Joaquim do Vadre Manique—Idem.

Antonio Joaquim da Costa Beato—Idem.

Villa do Conde.—Rodrigo de Souza Carvalho—Idem

COMMERCIO

BOLSA DE BRAGA

19 de março de 1875

Effectuado

Banco Commercio e Industria 12\$850.

Banco Nacional 5\$800.

Banco de Villa Real 44\$850.

Banco Mercantil de Braga 3\$650.

Banco de Bragança 2\$950.

Dito dito 3\$000.

Banco Commercial de Vianna 5\$500.

20 de março de 1875

Effectuado

Banco Commercial de Braga (nova emissão) 19\$500.

Dito dito 19\$600.

Dito dito 19\$800

Banco Mercantil de Braga, 3\$800.

Banco de Bragança 3\$050.

Dito dito 3\$100.

Dito dito 3\$150.

Dito dito 3\$200.

Dito dito para liquidar em 31 de março 3\$100.

Dito dito 3\$250.

Dito dito 3\$350.

Dito dito para liquidar em 3 d'abril 3\$100.

Dito dito para liquidar em 31 de maio 3\$600.

Banco da Covilhã 62\$950.

Banco Mercantil de Vianna 6\$500.

Banco Commercial de Guimarães 4\$100.

Banco do Alentejo 5\$850.

Dito dito para 30 de junho 6\$200.

Dito dito 6\$400.

O director

Antonio Teixeira Barbosa.

ANNUNCIOS

Pede-se a quem achasse um praso da Commenda de Ronfe, e um pequeno livro de recibos, passados por Antonio Joaquim d'Oliveira Brandão, da cidade de Braga, pertencente a José Joaquim Cardoso de Menezes da cidade de Guimarães, o queira entregar a Antonio Joaquim d'Oliveira Brandão, rua do Castello n.º 5, e receberá alviquaras. (2333)

EDITOS DE 60 DIAS

Pelo juizo de direito d'esta comarca e cartorio do escrivão do commercio, Freitas, a requerimento de Antonio José Pereira, negociante, d'esta cidade, correm editos de 60 dias a contarem do dia 9 do corrente mezdemarço, pelo quaes chama e cita a José Antonio Martins, morador que foi na freguezia de Cunha, d'esta comarca, e hoje ausente em parte incerta no imperio do Brazil, para fallar a presente acção de libello proveniente de uma letra por aquelle firmada na importância de 240\$000 rs. aqual citação edital tem de ser accusada na audiencia do dia 13 do proximo mez de maio, pela 9 horas da manhã no tribunal judicial, colocado no largo de Santo Agostinho d'esta mesma, e n'esta audiencia se lhe tem de assignar o praso de 3 audiencias para contrariar quando não satisfaça ao artigo 1086 do cod. Com., as quaes se costumam fazer todas as segunda e quintas feiras de cada semana não sendo dia santo ou feriado, porque o sendo se fazem nos dias immediatos, de baixo da pena de revelia e lançamento. (2333)



Joaquim Alves Vinagreiro e José Fernandes Lage, fazem publico, que desde o dia 22 do corrente, augmentam com mais uma diligencia, a sua carreira diaria que tem d'esta cidade á Povoia de Lanhoso, saindo d'esta cidade ás 7 horas da manhã e 3 da tarde até ao dia 31 do corrente, e chegam á Povoia ás 9 da manhã e 5 da tarde, não tem demora em parte alguma, e sae da Povoia para Braga ás mesmas horas e chega ás 9 da manhã e 5 da tarde, não tendo tambem demora alguma.

Os bilhetes vendem-se em Braga em casa de Domingos Alves Pereira, á Porta do Souto, e na Povoia em casa do Ferrador.

Preços

De Braga ao Fojo, e vice-versa, 80 reis.

De Braga a Cobellas, idem, 120 rs.

De Braga ao Pinheiro, idem, dentro, 200 rs. e fóra 160.

De Braga á Povoia, idem, dentro 240 e fóra 200.

Do Fojo o Cobellas, 40 rs.

Do Fojo ao Pinheiro, 100 rs.

Do Fojo á Povoia, 120 rs.

Do Pinheiro á Povoia, 60 rs. (2332)

Banco Commercial, Agricola e Industrial de Villa Real

Sociedade anonyma de responsabilidade limitada

Havendo de ser substituidos os titulos provisionarios das acções d'este Banco por titulos definitivos de uma, de 3 ou de mais de 5 acções, como faculta o art. 6.º dos Estatutos, são convidados os snrs. accionistas a entregarem até ao dia 15 d'abril proximo futuro, impreritavelmente, na sede do Banco e suas agencias no Porto e Braga, declarações em que indiquem a forma porque quizerem lhes sejam passados os titulos definitivos.

Na sede do Banco e nas agencias do Porto e Braga fornecem-se os impressos para as declarações.

Villa Real 10 de março de 1875.

Os gerentes

Francisco Ferreira da Costa Agarez
Agostinho José da Costa. (2328)

PAPEL

De livros velhos para embrulhos, a peso, e barato. Vende-se na rua Nova n.º 5.

CHAPEUS DE SENHORA

Grande sortimento de chapéus, alta novidade para senhora e criança, cascos etc. Recebem-se encomendas. Rua do Souto—32. (2327)

Vende-se uma casa feita de novo, com grande loja para armazem, sita na rua das Agoas, com n.º 91. Vê-se das 9 horas da manhã até ao meio dia.

Trata-se com Antonio Silverio de Paiva, da Ponte. (2314)

DENTISTA

HENRIQUE A. ROUFFE

32, Rua do Souto, 32

Continúa aberto o estabelecimento desde as 9 horas da manhã ás 4 da tarde.

PREVENÇÃO

Francisco Placido da Graça de Sousa Lima, da villa de Barcellos, para os effectos do art. 1033 do cod. civ., previne a todas as pessoas para que não contratem com D. Maria da Conceição Paiva Leite Brandão, João Nepomuceno da Rocha e mulher, D. Joaquina Amalia, José Emilio, D. Florinda de Jesus, D. Adelaide Sofia, Augusto Justino, Justino Augusto, e Manoel Antonio, todos da freguezia de Godinhães. D. Luisa e marido o dr. Alberto Borges, da freguezia de Villa Verde, Francisco Antonio da Rocha e mulher, da freguezia de Penascaes, e D. Emilia da Graça e marido, da freguezia de Barbude, viúva, filhas, genros e noras do fallecido Secundino Antonio da Rocha, da dita freguezia de Godinhães, sobre os bens da herança do mesmo, sem que se mostre paga ao annunciante a divida, juros e custas (cerca de 900\$000 rs.) em que se acham condemnados por sentença, já transitada, proferida pelo juiz de direito da comarca de Villa Verde, em acção promovida pelo annunciante no cartorio do escrivão Brito, e execução pendente no escrivão Machado, sob pena de nulidade e de tudo lhe pagarem pelos seus proprios bens.

Barcellos 10 de Março de 1875.

Francisco Placido da Graça de Souza Lima (2329)

NOVIDADE

44, Rua do Souto, 44

Campos & Almeida, acabam de receber grande sortido de chapéus de feltro e seda, «ultima moda», da acreditada fabrica dos snrs. Maia e Silva, do Porto, que vendem pelos preços da fabrica.

Tambem se fabricam e consertam chapéus de todas as qualidades. (2330)

ACÇÕES

João Manoel da Silva Guimarães.—Rua do Souto n.º 43.

Compra e vende Acções de todos os Bancos e Companhias, Inscriptões de Assentamento e coupons. (581)

NOVA FUNDIÇÃO DE FERRO

DE

Antonio Germano Ferreirinha

NA

Travessa de S. João

Aonde faz toda a obra, assim como bombas, conçoilas, columnas para gaz, pezos novos, panellas á ingleza de todos os tamanhos, canos para agoas e gaz, e toda a obra de fundição, como grades para sacadas, obra de metal, sinos e outros objectos de igual teor etc., pelos preços do Porto.

METAES VELHOS

Na travessa de S. João n.º 5, compra-se toda a qualidade de metaes, e ferro velho até mesmo fundido. (860)

BRAGA: TYPOGRAPHIA LUSITANA — 1875.